

APRESENTAÇÃO

LITERATURA, INTERMIDIALIDADE E ENSINO

Literature, Intermediality, and Teaching

DOI: 10.14393/LL63-v37n1-2021-00

Érika Viviane Costa Vieira *

Heidrun Führer **

Miriam de Paiva Vieira ***

A proposta deste volume nasceu de uma inquietação de que a intermedialidade pode ser ensinada e contribuir para uma formação mais holística do licenciando em Letras. Lidamos com essa instância denominada “texto” que não se restringe mais a impressos apenas. Os gêneros literários se ampliaram ao abrirem-se às imagens e ao digital, em um movimento de trocas semióticas constante, mas que ainda não foram completamente assimilados e validados pela academia, de maneira a integrar os currículos. Neste cenário, este volume busca encontrar percursos possíveis para pensar em estudos, conceitos e metodologias dessa área que possam se integrar à formação de professores e suas práticas educacionais.

A noção de intermedialidade tem ampliado o entendimento das pesquisas sobre as relações interartes ao incorporar a palavra “mídia”, conferindo maior ênfase à materialidade aos produtos culturais do que a valores e convenções culturais associadas à “arte”. O conceito de mídia subjacente a este volume se coaduna aos estudos de Claus Clüver, Gunter Kress, Irina

* Professora adjunta do Curso de Letras da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). ORCID: 0000-0003-3082-8805. E-mail: erika.vieira(AT)ufvjm.edu.br

** Professora Associada do *Department of Arts and Cultural Sciences, Division of Culture Management and Intermediality* da Universidade de Lund, Suécia. ORCID: 0000-0001-8456-365X. E-mail: heidrun.fuhrer(AT)kultur.lu.se

*** Professora adjunta do Departamento de Letras, Artes e Cultura da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), onde atua na graduação e no Programa de Mestrado em Letras. ORCID: 0000-0001-9851-0217. E-mail: miriamvieira(AT)ufsj.edu.br

Rajewsky, Jørgen Bruhn, Jurgen Müller, Lars Elleström, Werner Wolf, entre outros. Para Claus Clüver (2011), os estudos da intermedialidade entendem que a palavra “mídia” seja uma forma mais adequada para se referir aos meios físicos ou à modalidade material utilizada para produzir significados, não se restringindo aos meios de comunicação de massa ou às tecnologias digitais. A intermedialidade, também para Clüver (2011), é um termo recente usado para analisar todos os tipos de inter-relação e interação entre as mídias. Por outro lado, segundo Irina O. Rajeswky (2012), a “intermedialidade” é um termo abrangente que compreende fenômenos que se valem de duas ou mais mídias para se estabelecerem. Como se vê, o campo de estudos da intermedialidade é bem amplo e pode envolver tanto processos interartísticos quanto aqueles que usam os recursos digitais.

Enquanto debates envolvendo o conceito de intermedialidade e os estudos conceituais das inter-relações entre artes, mídias e formas literárias diversas têm sido bastante frutíferos, suas pedagogias e as metodologias têm sido subestimadas. O ensino de literatura culturalmente informado pelas artes e mídias, que se transformam em processos discursivos cada vez mais complexos, faz-se cada dia mais necessário, principalmente no que se refere aos cursos de licenciatura, *locus* tradicional de formação de professores.

Muitos dos estudos de intermedialidade já publicados demonstram maior interesse em identificar os fenômenos intermediários, analisá-los e categorizá-los, em uma busca constante por compreendê-los enquanto objetos híbridos e muitas vezes inclassificáveis entre gêneros literários estanques. Contudo, essa abordagem estrutural dos meios em suas inter-relações artísticas, ainda não demonstrou muito interesse por apresentá-los a contextos de ensino nem avançou muito em possibilidades metodológicas de realização em sala de aula. Se há um desejo de propagar os estudos da intermedialidade, há que se pensar na abordagem dessas pesquisas em contextos educacionais ou mesmo aproximá-las aos currículos.

Entre as iniciativas que buscam sistematizar aspectos metodológicos podemos citar duas. A primeira delas é a obra de Semali & Pailliotet (1999) que constata a urgência de uma educação que mobilize a habilidade de ler e escrever criticamente com e através de vários sistemas sígnicos (que aqui chamamos de mídia). Ainda para esses autores, os leitores modernos estão diante de textos intermediários o tempo todo e a intermedialidade requer competência na compreensão e na produção não apenas de mídias impressas, mas também

de mídias visuais, orais, pop, eletrônicas e combinadas, bem como de textos produzidos por estudantes, experiências de vida, acontecimentos culturais e sociais (1999, p. 4-6). Em resumo, o letramento crítico moderno é intermedial e passa pela habilidade de ler e escrever que usa os signos e cruza as fronteiras de sistemas semióticos diversos. O universo poético pode configurar-se e reconfigurar-se em forma de romance, filme, *webcomic*, quadrinho, pintura, charge, meme, vídeo-poema, instalação entre tantas outras possibilidades. Uma segunda tentativa de sistematização metodológica pode ser encontrada em Wolfgang Hallet (2015) em seu artigo “A methodology of intermediality in Literary Studies”, onde ele sinaliza uma proposta metodológica e sistematiza diversas categorias com a finalidade de empreender uma análise intermedial de textos literários (basicamente, *Jazz* de Toni Morrison e de *Moon Palace* de Paul Auster). Embora bastante informativo e consubstanciado, o trabalho de Hallet (2015) se resume a uma das três categorias intermediáticas de Rajewsky (2012), a das referências intermediáticas, e o trabalho com as mídias citadas se concentra na literatura, sobretudo no gênero romance, em sua relação com a música. O próprio Hallet (2015, p. 606) avisa que propor uma única metodologia para a análise intermediática é muito complexa e não faz jus a todas as possibilidades de interrelações midiáticas.

Há ainda um outro lado dessa história que diz respeito aos documentos norteadores da educação brasileira. A título de exemplo, podemos citar um recente documento oficial educacional, a BNCC – Base Nacional Comum Curricular (2018), que configura entre algumas de suas competências de aprendizagem, os conhecimentos interdisciplinares envolvendo as artes, as mídias de comunicação de massa e as tecnologias digitais, sendo que só as duas últimas são consideradas como mídias. O documento não apresenta uma definição para delimitar a noção de “mídia, partindo do pressuposto de que se refere às duas categorias apresentadas. No documento, ainda se verifica a primazia do texto verbal para marcar o lugar da literatura sobre outros objetos midiáticos.

A noção de mídia para tratar das novas tecnologias ou às mídias de comunicação de massa não é um equívoco. Ambas as possibilidades se referem às mídias, mas não se limitam a essas duas categorias. Sendo assim, essa visão das mídias privilegia os estudos linguísticos, que não inclui as artes. Porém, a BNCC propõe iniciativas diversas em que a noção de intermedialidade – análogo a interartístico – se mostra subjacente. Como exemplo, podemos

citar os conteúdos destinados à língua inglesa que propõem práticas de leitura e fruição de textos de cunho artístico/literário. Entre as habilidades que devem ser trabalhadas estão o ato de apreciar textos narrativos de gêneros diversos (contos, romances, entre outros) em versão original ou simplificada (ou seja, uma adaptação), “como forma de valorizar o patrimônio cultural produzido em língua inglesa”; e “explorar ambientes virtuais e/ou aplicativos para acessar e usufruir do patrimônio artístico literário em língua inglesa” (p. 254-255). No quesito manifestações culturais, a BNCC indica ainda como prática de conhecimento de língua estrangeira a “construção de repertório artístico-cultural”, sendo que, para isso é preciso “construir repertório cultural por meio do contato com manifestações artístico-culturais (artes plásticas e visuais, literatura, música, cinema, dança, festividades, entre outros) (...)” (p. 256-257). Em poucas palavras, percebe-se que o conteúdo linguístico é permeado por artes em seu formato de “patrimônio artístico ou cultural”, “manifestação cultural”, “patrimônio artístico e literário”, “repertório artístico-cultural”. A mediação educacional, portanto, precisa trazer à consciência e permitir a reflexão dos movimentos intermediários e das relações de poder que envolvem as apropriações culturais e artísticas pelas mídias. Sendo assim, os artigos selecionados para este dossiê buscam sensibilizar seus leitores a promoverem abordagens mais conscientes das suas relações interartísticas no campo que compete à literatura em contextos educacionais.

Os artigos aceitos foram agrupados em três segmentos: (1) Práticas pedagógicas, no Brasil e no exterior; (2) estudos de caso; (3) aplicação prática dos estudos da intermedialidade [no contexto da Pandemia do novo coronavírus]. Para abrir o dossiê, o artigo da experiente professora Thaís Flores Nogueira Diniz aborda a criação da disciplina Introdução à Intermedialidade em caráter eletivo e discute o termo intermedialidade como ferramenta para análise de obras em língua inglesa dentro do currículo da graduação do curso de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Já o artigo de Larissa Bonacin, ressalta a importância da disciplina Literatura: outras mídias nos cursos de licenciatura em Letras, a partir de um estudo de caso em uma Instituição de Ensino Superior da rede particular, na região Sul do Brasil. No âmbito internacional, Alice Jedličková compartilha experiências do curso de estudos em intermídia a partir de dois esquemas metodológicos, um ofertado a alunos de várias disciplinas

– filologia, estética, estudos culturais e cinematográficos – e outro focado no ensino de literatura, em uma instituição de ensino superior na República Tcheca.

O artigo de Fernando Pardo e Liliam Marins objetiva suscitar reflexões e *insights* em relação ao estímulo de práticas pedagógicas que possam considerar o trabalho com a literatura e(m) outras mídias para além de sequências didáticas pré-moldadas de modo a promover a construção de uma práxis indisciplinada na abordagem das adaptações intermidiáticas literárias no ensino, provocando a literatura a sair de sua “disciplina” tanto em questões curriculares, quanto em relação a uma tradição pautada na égide da escrita e do cânone. Para fechar esse segmento, Judith Hofmann e Celestine Caruso combinam a abordagem Task-Based Language Teaching (TBLT), a noções da intermedialidade e cultura participativa no ensino de línguas estrangeiras.

O segundo grupo de artigos tratam de estudos de caso em abordagens comparativas à luz da intermedialidade. Joelma Xavier visa a análise do processo de adaptação do conto “O Alienista” na versão homônima de livro em quadrinhos, realizada por César Lobo (arte) e por Luiz Antônio de Aguiar (roteiro), considerando a complexidade dos jogos de imagens na literatura e nas narrativas gráficas e sua importância para a leitura do texto e para a exploração de narrativas gráficas em sala de aula. Ana Cláudia Munari Domingos e Elaine Indrusiak buscam evidenciar o potencial do instrumental narratológico funcionalista de subsidiar práticas de ensino literário e de letramento intermidiático e multimodal a partir de uma leitura comparativa dos recursos empregados na criação de suspense nas obras de Edgar Allan Poe e de Alfred Hitchcock. O artigo de Antônia de Jesus Sales traz uma proposta didática embasada pela observação de aspectos de intermedialidade na obra *Yellow Submarine*, que, cinquenta anos depois de produção em filme, foi adaptado para *narrativa gráfica*.

Pensando nos novos letramentos e na experiência do leitor, Jaimeson Machado Garcia, em co-autoria com sua orientadora Ana Cláudia Munari Domingos, analisa a passagem do ebook *Dama de Paus*, de Eliana Cardoso, ao livro a partir dos pressupostos teóricos da Intermedialidade definidos por Lars Elleström. Carolina Toti analisa a relação entre o conto “Don’t Look Now” (2008), de Daphne du Maurier, e a transposição cinematográfica homônima (1973), dirigida por Nicolas Roeg, para observar quais implicações o letramento multimodal pode ter no ensino de literatura e também como a associação entre diferentes modos de

letramento pode contribuir para a formação leitores aptos a agir de maneira informada e crítica no mundo multimídia.

José Arlei Cardoso analisa alguns aspectos da arte de William Blake, que é inerentemente intermediária, em relação ao *graphic novel Moonshadow*, ao livro *Dragão vermelho* e ainda em relação a canções da banda U2. Clara Matheus Nogueira, por sua vez, reconhece como a leitura de Shakespeare em sala de aula pode ser um desafio para alunos e professores e explora a adaptação de *Romeo e Julieta* intitulada *#dream40*, que foi produzida pela Royal Shakespeare Company no âmbito do Twitter, plataforma de redes sociais que faz parte da rotina da maior parte dos estudantes, e assim intimamente alinhada ao nosso paradigma contemporâneo de visão do mundo.

Uma vez que a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) incentiva a atualização de recursos no ensino, Rosana Gomes, Gabriela Pereira e Murilo Quevedo apresentam uma proposta de roteiro pedagógico que faz uso de *role-playing games* (RPGs) de mesa no ensino de literatura, a partir de um exemplo da adaptação do romance *Capitães da Areia* para o formato de RPG de mesa, de modo que os estudantes respondem ao texto lido, passando por um processo de retextualização e ocupando o espaço protagonista de autores. Alleid Machado e Fernando Berlezzzi procuram dialogar a necessidade de conexões entre o hibridismo das comunicações diárias e os estudos interdisciplinares de literatura e cultura a partir de uma experiência de trabalho em ambiente educacional no âmbito do ensino de Literatura Portuguesa e a produção de podcast.

Com intuito de promover e favorecer o ensino de literatura para alunos de cursos fundamental e médio, Mateus da Rosa Pereira e Paula Pelissoli Pereira analisam como a versão facilitada do conto “A queda da casa de Usher” reconfigura aspectos literários ligados ao Gótico, apontando como os elementos fundamentais dessa tradição encontrados no texto original foram preservados, simplificados ou eliminados no texto facilitado pensando em promover o letramento literário em aulas de inglês. O artigo de Fernando Teixeira Luiz, Renata Junqueira de Souza e Gislene Aparecida da Silva Barbosa propõe, por sua vez, um roteiro para ensino de literatura na educação básica a partir de um episódio animado da série *Manda-Chuva* (1961), dos estúdios Hanna-Barbera. Sílvia de Paula Bezerra demonstra como o uso da intermedialidade pode ser uma estratégia didática eficiente para aproximar o texto verbal escrito de outras

formas de expressão explorando o videoclipe da canção *Amor, I love you* (2000), de Marisa Monte e Carlinhos Brown, e a leitura de um trecho da obra *O primo Basílio* (1878), de Eça de Queirós. Bárbara Falcão apresenta resultados de uma pesquisa-ação que propõe o uso da Narrativa Transmídia para mobilizar conhecimentos acerca da tipologia textual narrativa e sobre a cultura digital de modo a promover o protagonismo e a criticidade dos estudantes por meio de atividades coletivas e colaborativas.

Para encerrar os estudos de caso, Ana Luiza Ramazzina relata uma experiência pedagógica de aplicação de um processo intermediático, porém em um curso de língua francesa para graduandos do curso de Letras da Universidade Federal de São Paulo, e compartilha uma sequência didática que leva o aprendiz, desempenhando simultaneamente o papel de produtor e perceptor a compreender criticamente novas narrativas multimodais.

Uma vez que o dossiê “Literatura, Intermedialidade e Ensino” recebeu suas submissões e foi produzido durante a Pandemia do novo coronavírus (SARS-CoV-2), desencadeador do Covid-19, encerramos a seção de artigos com os trabalhos de Yara dos Santos Augusto Silva e de Alex Sandro Martoni. Yara Silva apresenta o projeto de extensão “SobreVivências”, inserido nas áreas de arte, cultura e comunicação e desenvolvido no CEFET-MG, que teve por objetivo estimular o engajamento discente em processos criativos interartísticos/intermediáticos, que envolvessem a experimentação de diferentes linguagens, técnicas artísticas e de ferramentas de comunicação, com vistas à produção e difusão de obras artísticas e ações culturais que representassem uma contribuição direta ao movimento de ações de enfrentamento à Covid-19. Em virtude da necessidade de migração das aulas presenciais para as plataformas digitais, Martoni refletiu sobre alguns desafios que se impõem ao ensino de literatura na era das plataformas digitais e propor, em caráter experimental, alguns modos de abordagem que, eventualmente, podem torná-lo mais eficiente.

E para fechar o dossiê, temos o grande prazer de compartilhar uma entrevista, em versão bilíngue, com Heidrun Führer sobre o curso de bacharelado em Intermedialidade na Universidade de Lund, Suécia. Enfim, com este volume espera-se que a intermedialidade possa se integrar à literatura na educação básica e superior, de maneira que seu ensino possa ser culturalmente e criticamente informado, valorizando o aspecto interdisciplinar de sua natureza na contemporaneidade.

Referências

CLÜVER, Claus. Intermedialidade. **Pós**, Belo Horizonte, v. 1, n.2, 2011, p.8-23.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular** (BNCC). Brasília: MEC. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf. Acesso em: 20 maio 2018.

HALLET, Wolfgang. A methodology of intermediality in literary studies. *In*: RIPPL, Gabriele (Ed.). **Handbook of Intermediality: literature, image, sound, music**. Berlin: De Gruyter, 2015. p. 605-619.

RAJEWSKY, Irina. Intermedialidade, intertextualidade e remediação: uma perspectiva literária sobre a intermedialidade. *In*: DINIZ, Thaís Flores Nogueira (Org.). **Intermedialidade e Estudos interartes: desafios da arte contemporânea**. v. 2. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 15-46.

SEMALI, Ladislau; PAILLIOTET, Ann Watts (Ed.). **Intermediality: The teachers' handbook of critical media literacy**. Boulder, CO: Westview/Harper Collins, 1999.